


MÚSICA POPULAR BRASILEIRA COMO EXPRESSÃO DE EMOÇÃO DE MORTES, MORRERES E LUTOS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-096>

Data de submissão: 06/04/2025

Data de publicação: 06/05/2025

Juriene Pereira da Silva
Doutora em Educação
E-mail: Enepsilva02@gmail.com

RESUMO

O presente texto é uma proposta de reflexão sobre a questão de mortes, morreres e lutos na Música Popular Brasileira (MPB) a partir de letras de canções muito conhecidas pela população do país, canções essas que fizeram sucesso considerável, mas que podem trazer em sua letra uma mensagem que nem sempre é percebida quando o ouvinte a escuta na rádio ou em outras mídias. Aqui apresenta-se as letras de canção como Flor de Lis, Aquarela, Naquela Mesa, Pais e Filhos e Dois e se traz à discussão um olhar mais cuidadoso sobre suas letras a partir de Wittgenstein, Foucault e Kubler-Ross para demonstrar como essas canções podem trazer com elas emoções diversas das primordialmente conhecidas.

Palavras-chave: Mortes. Morreres. Lutos. Música. Reflexão.

Precisamos resolver nossos monstros secretos, nossas feridas clandestinas, nossa insanidade oculta. Não podemos nunca esquecer que os sonhos, a motivação, o desejo de ser livre nos ajudam a superar esses monstros, vencê-los e utilizá-los como servos da nossa inteligência. Não tenha medo da dor, tenha medo de não a enfrentar, criticá-la, usá-la.
Michel Foucault

1 INTRODUÇÃO

A poesia e a música são usadas há milênios para dizer sobre o processo de luto, do momento em que a possibilidade da morte de um ente querido se aproxima e dos momentos que antecedem o momento de morrer de alguém que se fez importante na vida de um poeta ou de um músico criativo.

A Música Popular Brasileira apresenta de maneira peculiar uma série de canções que tratam de mortes e morreres, que de tão difíceis se fizeram poesia.

Neste artigo quero trazer canções que para serem reconhecidas como uma música que relatavam um acontecimento fúnebre, fez-se necessário que o próprio autor o dissesse em entrevista ou algum analista explicasse que a letra trazia esta possibilidade. Canções estas que são sucessos absolutos na voz das pessoas nos momentos mais felizes de suas vidas, sejam eles no momento em que realizam o sonho de uma formatura ou no próprio casamento, em que se celebra o amor entre duas pessoas, que esperam passar o resto de suas vidas juntos.

Analisarei a letra de algumas canções, as quais trazem a mensagem de mortes, morreres e lutos que se tornaram poesia e depois embalaram momentos inesquecíveis para pessoas, que se quer se deram conta da mensagem nelas expressa.

A habilidade dos poetas de trazerem beleza às suas canções, transformando dor em lirismo e encantando com musicalidade a experiência de finitude vivida por eles em algum momento de suas existências, realizando obras musicais que trazem ao cotidiano musical popular, reflexões de uma profundidade existencial, às vezes trágica, às vezes surpreendente, às vezes esperada, mas em nenhum momento fácil de passar, essas canções dizem da possibilidade da finitude da vida como acontecimento e de sua beleza como parte integrante do viver.

2 DE FLOR DE LIS A DOIS. POETAS CANTAM SEUS LUTOS

As letras utilizadas nesse artigo foram retiradas do site <https://www.letras.mus.br> e os vídeos das canções do site YOUTUBE. A partir deste momento será iniciada a análise de cada uma das letras das canções, será colocado um link para que se possa ouvi-las enquanto se ler o artigo.

FLOR DE LIS
Djavan
<https://www.youtube.com/watch?v=peR8eOcGA3M>

Valei-me, Deus, é o fim do nosso amor

Perdoa, por favor
 Eu sei que o erro aconteceu
 Mas não sei o que fez tudo mudar de vez
 Onde foi que eu errei?
 Eu só sei que amei, que amei
 Que amei, que amei
 Será talvez que minha ilusão foi dar meu coração
 Com toda força pra essa moça me fazer feliz?
 E o destino não quis me ver como raiz
 De uma flor de lis
 E foi assim que eu vi nosso amor na poeira
 Poeira
 Morto na beleza fria de Maria
 E o meu jardim da vida ressecou, morreu
 Do pé que brotou Maria, nem margarida nasceu
 E o meu jardim da vida ressecou, morreu
 Do pé que brotou Maria, nem margarida nasceu
 Valei-me, Deus, é o fim do nosso amor
 Perdoa, por favor
 Eu sei que o erro aconteceu
 Mas não sei o que fez tudo mudar de vez
 Onde foi que eu errei?
 Eu só sei que amei, que amei
 Que amei, que amei

2.1 UMA MORTE, UM MORRER E A DOR NO MOMENTO.

A canção 'Flor de Lis', composta e interpretada por Djavan, é uma obra que traz a quem ouve uma obra prima com emoção e poesia. A música, desde 1976, do álbum 'A Voz, o Violão, a Música de Djavan' é uma das mais conhecidas do cantor. A letra traz ao ouvido sensível a memória de um amor que terminou e o eu lírico expressa sua dor e sua perplexidade.

A partir de metáforas botânicas, um elemento central na composição, o amor é comparado a um jardim e a amada a uma flor de lis, símbolo de pureza e perfeição, ideal inatingível. 'E o meu jardim da vida ressecou, morreu, do pé que brotou Maria, nem Margarida nasceu' traz a imagem de um jardim que sendo antes cheio de vida, torna-se devastado pela perda, a Margarida, incapaz de ser trazida à vida, por uma Maria, simboliza a impossibilidade de esperança ou beleza após o fim da relação estabelecida entre o pai, o poeta; a mãe no momento do parto e o bebê retratados na canção.

O autor, conhecido pela habilidade como poeta, traz em 'Flor de Lis', um exemplo clássico de sua maestria lírica e melódica, contrasta a suavidade da melodia com a intensidade dos sentimentos expressos na letra tocando ouvidos, sentimentos e corações a quem se identifica com a universalidade da experiência do amor e da perda. Resta aquele que ouve tentar compreender o incompreensível da morte e do morrer enquanto se dá à luz ou no caso, do autor, no momento de perder a mulher a que se ama e o fruto do amor que não conseguiu chegar pleno à vida.

No início da canção, Djavan apela a Deus. “Valei-me Deus é o fim do nosso amor, perdoa, por favor”, entretanto não deixa claro, se o fim do amor dele com mais alguém é o fim do amor da amada

ou o fim do amor dele com o próprio Deus, pedindo perdão em seguida, “perdoa, por favor”. Para Kubler-Ross, a maioria dos acordos é feita com Deus e geralmente mantida em segredo ou mencionada entre as linhas ou no escritório particular de um capelão.” E no caso, a canção, não há indícios disso.

“Eu sei que o erro aconteceu, mas não sei o que fez tudo mudar de vez”. Mas de quem seria o erro? E qual seria o erro? Pois ele aconteceu, mas ele não sabe o que fez tudo mudar, seria um erro de Deus? pois ele só aconteceu, ou seria um erro médico que levou a amada à morte? E pergunta “Onde foi que eu errei?”, neste momento da canção ele não admite o erro, ele questiona onde o fez.

Para Wittgenstein,

“A solução do enigma da vida no espaço e no tempo reside fora do espaço e do tempo. O sentido da vida, o sentido do mundo, nós podemos chamar de Deus. Pensar o sentido da vida é rezar” (WITTGENSTEIN. 2010, p. 73).

Neste sentido, poeta e filósofo convergem no momento mais propício da busca à transcendência, pela resposta desesperada que o poeta necessita; enquanto que ao filósofo parece restar a resignação simples da única maneira de se alcançar o Transcendente, rezar; não uma reza qualquer, metódica, repetitiva, mas uma reza reflexiva, capaz de levar o sujeito a pensar, um pensamento que traga à luz, o sentido da vida e como consequência o sentido da finitude desta mesma vida.

Neste sentido Wittgenstein diz que,

E mais do que isso, isso satisfaz uma espera pelo transcendente, porque na medida em que pessoas pensam que podem ver os “limites do entendimento humano”, elas acreditam, é claro, que podem ver além deles. (WITTGENSTEIN. 1998, p.74).

E ainda reflete “Será talvez, que minha ilusão foi dar meu coração, com toda força, pra essa moça me fazer feliz e o destino não quis me ver como raiz de uma flor de lis”, nestes versos, o poeta se mostra desiludido, enquanto diz que o destino não desejou vê-lo feliz, raiz de uma família pura.

E ainda diz “E foi assim que eu vi nosso amor na poeira, poeira morto na beleza fria de Maria”, o poeta demonstra sua dor porque tudo o que ele viveu virou poeira, no momento da morte da sua amada Maria, cuja beleza se tornou fria. Deixando-lhe o jardim da vida ressecado, morto, e, sentindo o não nascimento da filha. E quando da repetição da palavra “poeira” demonstra ainda um desejo de eternidade, como algo que se vai e depois desaparece do horizonte, anuviando o olhar do poeta, no exato momento da perda. Ver o amor na poeira pode ser lido como algo que havia sido construído e depois esvaneceu-se.

A genialidade está no ritmo da canção, que por ser um samba, bem ritmado, deixa a música leve e dá vontade de cantar. Por isso ela é apresentada em barzinhos, festas e as pessoas cantam sem tristeza e sempre com uma tranquilidade que a leveza da música traz.

Discutirei a partir deste momento a letra da canção “aquarela” escrita e gravada por Toquinho composta por Vinícius de Moraes / Toquinho / Guido Morra / Fabrizio De André.

Aquarela

Toquinho

<https://www.youtube.com/watch?v=dzzrdbVt7HY>

Numa folha qualquer
Eu desenho um Sol amarelo
E, com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão
E me dou uma luva
E, se faço chover, com dois riscos
Tenho um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta
Cai num pedacinho azul do papel
Num instante, imagino
Uma linda gaivota a voar no céu
Vai voando, contornando
A imensa curva norte-sul
Vou com ela viajando
Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco à vela
Branco navegando
É tanto céu e mar
Num beijo azul
Entre as nuvens vem surgindo
Um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo
Com suas luzes a piscar
Basta imaginar, e ele está partindo
Serenos e lindos
E, se a gente quiser
Ele vai pousar
Numa folha qualquer
Eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos
Bebendo, de bem com a vida
De uma América a outra
Eu consigo passar num segundo
Giro um simples compasso
E, num círculo, eu faço o mundo
Um menino caminha
E caminhando chega no muro
E ali logo em frente
A esperar pela gente, o futuro está
E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo, nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença
Muda nossa vida
E depois, convida
A rir ou chorar
Nessa estrada, não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá
O fim dela, ninguém sabe

Bem ao certo onde vai dar
Vamos todos
Numa linda passarela
De uma aquarela que, um dia, enfim
Descolorirá
Numa folha qualquer
Eu desenho um Sol amarelo (que descolorirá)
E, com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo (que descolorirá)

Giro um simples compasso
E, num círculo, eu faço o mundo (que descolorirá)

2.2 AQUARELA: RETRATO DE UMA VIDA

Nesta música Toquinho faz uma viagem pelas fases da vida. A letra traz no início, a simplicidade de um desenho infantil, “Numa folha qualquer Eu desenho um Sol amarelo e, com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo” porque para se fazer um Sol amarelo e um castelo usa-se poucos traços. Simplicidade como convite à liberdade criativa, em que a possibilidade em sua totalidade aparece a partir de elementos básicos, como um lápis e uma folha de papel. Evocando a pureza da infância, com a descrição de uma imaginação sem limites em que qualquer mancha de tinta pode ser lida como uma nova criação, “Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul de papel, no instante imagino uma linda gaivota a voar no céu”. E a gaivota que “vai voando contornando a imensa curva norte sul, leva o poeta com ela “viajando Havai, Pequim ou Istambul”, independente das coordenadas geográficas reais, porque se trata da imaginação de uma criança.

Quando a vida pode se transformar em viagens por lugares distantes e sonhos de liberdade, o avião e o “navio de partida” são metáforas para as aventuras, as descobertas e a necessidade dos amigos surgem na canção já na segunda estrofe narrando o que se sonha nesta fase da vida. Toquinho utiliza essas imagens para falar sobre a capacidade de sonhar e a vontade de explorar o mundo, que tipifica a adolescência e o início da juventude até a idade adulta, destacando a beleza e a coragem de puder se lançar ao desconhecido e explorar as paisagens do planeta.

A música também reflete sobre a passagem do tempo “E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar, não tem tempo, nem piedade, nem tem hora de chegar. Sem pedir licença muda nossa vida e depois, convida a rir ou chorar” este trecho já discute a inevitabilidade da mudança. Mudança esta que sempre traz consigo lutos diversos, por aquilo que se deixou para trás, e, se pode refletir nesta canção, os lutos vivenciados pela mudança de cidade, de escola, pelo término de um curso ou de uma etapa da vida, pela morte de alguém próximo ou o término de um relacionamento, que se começa a absorver como aquilo que não estará mais ali.

Em outro trecho, Toquinho diz sobre a imprevisibilidade do cotidiano no modo de viver “Nessa estrada, não nos cabe, conhecer ou ver o que virá” e derruba as certezas que se possa ter em relação ao projeto de vida traçado a bem da vontade de cada sujeito, assim como diz que “O fim dela, ninguém sabe bem ao certo onde vai dar” é uma incógnita, a finitude humana, não se tem nenhuma certeza, apenas que haverá.

'Aquarela' lembra da efemeridade da vida “na passarela de uma aquarela que um dia descolorirá” simbolizando a transitoriedade das experiências vividas. O poeta, então repete os versos iniciais da canção, seguido de um “que descolorirá' como se a vida fosse perdendo a cor na memória do que foi vivido. Esta parte da canção ao final da música reforça a ideia de que nada é infinito, quando ele canta “Numa folha qualquer eu desenho um Sol amarelo (que descolorirá). E, com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo (que descolorirá). Giro um simples compasso e, num círculo, eu faço o mundo (que descolorirá)”. Note-se que o descolorirá, entre parênteses e numa voz que não é a do autor reforça a ideia de que ele não tem controle do processo de descolorização. As coisas vão perdendo o brilho e vão descolorindo independente dele e de sua vontade.

Para Wittgenstein,

Os filósofos que dizem: “depois da morte, terá início um estado intemporal”, ou “no momento da morte inicia-se um estado eterno”, não se apercebem que utilizaram as palavras “depois”, “no” e “inicia-se” num sentido temporal, e que essa temporalidade está embutida na sua gramática. (WITTGENSTEIN. 1998, p.71).

Toquinho, com sua melodia suave e suas letras poéticas, traz uma reflexão sobre a vida, a arte e a beleza das pequenas coisas que à existência são trazidas para serem disfrutadas, enquanto se apresentam e como são, porque “um dia, enfim (descolorirá)”.

Reflico abaixo sobre a especificidade das relações familiares diante da morte de alguém amado, seu genitor, tanto na canção da Legião Urbana como na poesia de Sergio Bittencourt, na voz de Nelson Gonçalves.

PAIS E FILHOS

Marcelo Bonfá / Dado Villa-Lobos / Renato Russo

<https://www.youtube.com/watch?v=sfixHYBWaiU>

Estátuas, e cofres, e paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu
Hum, ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender
Dorme agora
Hum, hum
É só o vento lá fora
Quero colo
Vou fugir de casa
Posso dormir aqui com vocês?

Estou com medo
Tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três
Meu filho vai ter nome de santo
Quero o nome mais bonito
É preciso amar
As pessoas como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade, não há
Me diz por que que o céu é azul
Explica a grande fúria do mundo
São meus filhos que tomam conta de mim
Eu moro com a minha mãe, mas meu pai vem me visitar
Eu moro na rua, não tenho ninguém
Eu moro em qualquer lugar
Já morei em tanta casa que nem me lembro mais
Eu moro com meus pais
É preciso amar
As pessoas como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade, não há
Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não o entendem
Mas você não entende seus pais
Você culpa seus pais por tudo
Isso é um absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer?

2.3 QUANDO A MÚSICA FALA POR SI: NINGUÉM SABE O QUE ACONTECEU?

'Pais e Filhos', música da banda Legião Urbana, é uma das mais emblemáticas do rock nacional e aborda com profundidade as relações familiares, a incompreensão entre gerações e a efemeridade da vida.

Nesta letra Renato Russo, convida à reflexão sobre o amor, a comunicação e os laços que unem os familiares de modo geral e especificamente, pais e filhos.

A canção começa com “ela se jogou da janela do quinto andar”, a partir desta cena de suicídio, o desespero e a falta de entendimento especialmente dentro de uma família, muitas vezes permeiam as relações humanas.

Quando o autor diz que “é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, porque se você parar pra pensar, na verdade, não há” traz à tona a incerteza da existência e a imprevisibilidade do futuro. A repetição e a melodia envolvente, convida a uma reflexão sobre os relacionamentos e conflitos familiares enquanto apresenta a possibilidade desses conflitos sejam efêmeros. Questões de identidade e pertencimento, com versos que falam sobre morar em diferentes lugares e a busca por um refúgio ou um sentido de lar, seja ele físico ou emocional, são trazidas na letra da canção de modo que

ora parece que o autor é o personagem que se jogou e enquanto cai vêm à mente, as questões que permearam sua existência, seus conflitos e suas angústias.

Para Wittgenstein,

O homem possui a capacidade de construir linguagens com as quais se pode expandir todo sentido, sem fazer ideia de como e do que cada palavra significa - como também falamos sem saber como se produzem os sons particulares. (WITTGENSTEIN. 2010, p.74).

Pode-se perceber que o artista e o filósofo comungam da mesma ideia pois a canção sugere que as relações familiares são conflituosas e que as famílias são 'crianças como você e pergunta o que você vai ser quando você crescer', questionamento este que sempre se faz às crianças ao se encontrar com uma. A música da Legião Urbana permanece relevante por sua capacidade de tocar em temas universais e atemporais, mostrando que nem pais, nem filhos conhecem o dom de viver e sempre acertar nas escolhas que fazem. Mesmo o adulto ou o idoso, nunca viveu a fase da vida em que está, então cada um na sua fase, passa por uma nova fase, como crianças e que a comunicação entre as gerações, precisa ser vivida a cada dia “como se não houvesse amanhã”.

Esta música é clássica em formatura e festas em geral, as pessoas cantam sobre um suicídio como se fosse a coisa mais interessante e o conflito de gerações apresentado na letra torna-se naquele momento uma coisa banal e tranquila. Poucas pessoas se dão conta da tragédia que inicia a canção.

Refletir sobre relações familiares pode levar como na canção abaixo à saudade e à memória do que foi vivido com simplicidade.

Naquela Mesa

Nelson Gonçalves

Composição: Sérgio Bittencourt.

<https://www.youtube.com/watch?v=Pemel6e7x2c>

Naquela mesa, ele sentava sempre
E me dizia sempre o que é viver melhor
Naquela mesa, ele contava histórias
Que hoje na memória eu guardo e sei de cor
Naquela mesa, ele juntava a gente
E contava contente o que fez de manhã
E nos seus olhos era tanto brilho
Que mais que seu filho, eu fiquei seu fã
Eu não sabia que doía tanto
Uma mesa num canto, uma casa e um jardim
Se eu soubesse quanto dói a vida
Essa dor tão doída não doía assim
Agora resta uma mesa na sala
E hoje ninguém mais fala no seu bandolim
Naquela mesa, tá faltando ele
E a saudade dele tá doendo em mim
Naquela mesa, tá faltando ele
E a saudade dele tá doendo em mim

2.4 SAUDADE E MEMÓRIA

Nelson Gonçalves, foi o primeiro a interpretar “Naquela mesa”, mas depois dele seguiram-se vários, entre eles Leandro Sapucahy, a letra é uma obra que transborda emoção e saudade.

Repleta de sentimentos e memórias, diz da ausência de uma pessoa e da falta que ela faz após sua partida. A mesa, antes lugar de encontro, de histórias e de alegria, torna-se um símbolo mais da ausência e da dor do que a saudade.

“Naquela mesa, ele sentava sempre e me dizia sempre o que é viver melhor. naquela mesa, ele contava histórias que hoje na memória eu guardo e sei de cor”, pois reunir a família e os amigos e compartilhar experiências e ensinamentos parece ser o caso do personagem da letra da música, além de ser também um amante da música, talvez um músico, cuja presença era sinônimo de festa e felicidade. Com sua partida, a música em casa se calou, e o que resta é o silêncio e a falta que essa pessoa faz quando o autor diz “Agora resta uma mesa na sala E hoje ninguém mais fala no seu bandolim”, termina o verso com a saudade e a ausência até dos comentários dos amigos sobre sua capacidade musical, porque Tagore diz sobre saudade

O mundo avança sobre as cordas do coração persistente, criando a música da tristeza. E nessa música se captura a essência da perda, porque o ritmo implacável da vida continua alheio à dor daqueles que sofrem. (TAGORE. 1995, p.37-38)

Um paradoxo onde o mundo avança enquanto os indivíduos presos em luto se sentem estagnados em sua dor surge para quem está em enlutamento. A 'música da tristeza' é mordaz e mostra como o luto pode permear a existência, criando uma melodia assombrada que toca suavemente ao fundo enquanto a vida continua e todos aqueles que circundam a existência, neste momento, continuam em suas existências, ocupados que estão em seu cotidiano.

'Naquela Mesa' é uma canção que toca profundamente quem já perdeu alguém especial. Nelson Gonçalves, com sua voz marcante e interpretação cheia de sentimento, consegue transmitir a dor da perda de forma universal. A música se torna um hino para todos que sentem a ausência de alguém e encontram na melodia e na letra um consolo para a saudade que parece não ter fim. A canção é um lembrete de que, embora a vida continue, certas ausências são profundamente sentidas e deixam marcas indeléveis em corações e lares, “e nos seus olhos era tanto brilho que mais que seu filho, eu virei seu fã”. Esta estrofe mostra a dor do filho que perdeu o pai e reconhece na ausência dele, idealizada talvez, o artista brilhante na figura paterna.

As duas últimas canções retratam a dor de uma perda familiar, mas no caso específico da última canção se trata mais da reflexão e da saudade do luto do que da morte em si e do morrer como acontecimento. Enquanto na canção da Legião não se sabe se a pessoa que se “jogou da janela do

quinto andar era o pai ou o filho, apesar de que Renato utiliza o pronome “ela” também poderia está se referindo a uma pessoa, portanto, ela. No segundo fica claro que se trata de um pai e um filho, assim no masculino mesmo, pelo uso do pronome “ele” em todo o poema, mas na estrofe em que ele relata “e nos seus olhos era tanto brilho, que mais que seu filho, eu virei seu fã.

Enquanto no poema de Renato transborda questionamento, dor sofrimento e conflito intergeracional, no poema de Bittencourt seja na voz atualmente mais conhecida de Leandro Sapucahy sobra saudade e memória. A graça da canção está na melodia e na voz aveludada de Leandro que traz à lembrança de um pai artista, gente fina e bonachão, que chegava em casa falando do dia, pegava o bandolim e tocava para os filhos e os amigos, num determinado lugar, que marcou a memória da criança que viveu aqueles momentos caros.

A partir daqui analisaremos a última letra. Nesta letra faremos uma reflexão a respeito da música “Dois” de Paulo Ricardo, na época do RPM.

Dois

Paulo Ricardo

<https://www.youtube.com/watch?v=tYSDXRci07Y>

Quando você disse nunca mais
Não ligue mais, melhor assim
Não era bem o que eu queria ouvir
E me disse decidida, saia da minha vida
Que aquilo era loucura, era absurdo
E mais uma vez você ligou
Dias depois, me procurou
Com a voz suave, quase que formal
E disse que não era bem assim
Não necessariamente o fim
De uma coisa tão bonita e casual
De repente as coisas mudam de lugar
E quem perdeu pode ganhar
Teu silêncio preso na minha garganta
E o medo da verdade
Eu sei que eu, eu queria estar contigo
Mas sei que não, sei que não é permitido
Talvez se nós, se nós tivéssemos fugido
E ouvido a voz desse desconhecido
O amor, o amor, o amor, o amor
Essa voz que chega devagar
Pra perturbar e pra enlouquecer
Dizendo pra eu pular de olhos fechados
Essa voz que chega a debochar do meu pavor
Mas ao pular, eu me vejo ganhar asas e voar
De repente as coisas mudam de lugar
E quem perdeu pode ganhar
Minha amiga, minha namorada
Quando é que eu posso te encontrar
Eu sei que eu, ah, eu queria estar contigo
Mas sei que não, sei que não é permitido
Talvez se nós, se nós tivéssemos fugido
E ouvido a voz desse desconhecido

Eu sei que eu, ah, eu queria estar contigo
Mas sei que não
Não, não, não, não
Não é permitido
Talvez se nós tivéssemos fugido

2.5 CONFUSÃO E EXPLOSÃO DE SENTIMENTOS EM 'DOIS' DE PAULO RICARDO

A música 'Dois' de Paulo Ricardo, da RPM, num primeiro momento é uma explosão de emoções que explora os altos e baixos de um relacionamento.

A letra descreve a complexidade dos sentimentos que surgem quando o luto começa a ser vivido, seja ele por um amor que parece chegar ao fim, mas ainda há uma chama de esperança que persiste, seja quando a morte já se apresenta e o que resta ao ser que ama experimentá-lo de forma que as emoções entram em carrossel e transformam a vida emocional de quem tem que lidar com os sentimentos enlutados.

A narrativa é iniciada com uma rejeição do ser amado, no enlutamento pode ser lido como a negação, primeiro estágio apresentado por Kubler-Ross, em seu texto sobre a Morte e o Morrer, com a rejeição, onde o eu lírico é confrontado com um amor que exige um afastamento. A dor da separação é palpável nas primeiras estrofes, onde a decisão parece definitiva e carregada de certeza, inicia-se o processo de desacreditar naquela certeza experimentada a pouco.

Na música, reviravolta, quando a pessoa amada retorna, trazendo dúvidas e a possibilidade de que o fim anunciado talvez não seja tão certo assim, leva a refletir a negação como a possibilidade de que o morto seja outro, que não seja exatamente quem se diz. A 'voz suave, quase que formal' é um contraste com a decisão anterior, sugerindo que os sentimentos são mais complicados em relação a dor experimentada com a notícia recebida, muitas vezes, num corredor de um hospital. O 'pular de olhos fechados' e 'ganhar asas e voar' ilustra o momento de se enfrentar o desconhecido da experiência que ao ser humano é impossível, refletir sobre a própria morte ou a morte dos que amamos. E neste momento está no depender das amarras do medo e de como tudo seguirá a partir da notícia.

Paulo Ricardo traz em 'Dois' uma reflexão sobre a complexidade dos relacionamentos e a dificuldade de se desapegar que será a maior decisão a ser tomada depois de um tempo do funeral de um ente querido, para isso se faz necessário respeitar o tempo de luto e procurar ajuda de especialistas quando necessário.

“Eu sei que eu, eu queria estar contigo”, a vontade de estar com o ente querido surge mesmo, dependendo dos laços ou dos nós que a relação sadia ou tóxica é capaz de produzir, enquanto que a contradição no verso seguinte traz a ruptura definitiva, “Mas sei que não, sei que não é permitido”, este verso faz questionar: Porque não seria permitido está contigo a partir de agora? poucas situações

impedem de ficar com alguém na sociedade contemporânea do que a separação definitiva cravada pela finitude humana. Observe-se que o eu lírico não questiona o não ser permitido e nem diz se há alguém ou algo proibindo, ele apenas, reconhece não ser permitido. E sugere que “talvez se nós, se nós tivéssemos fugido, E ouvido a voz desse desconhecido, o amor, o amor, o amor”. Fugido para onde? Fugido de que? Fugido de quem? Em momento algum, na música surge um personagem poderoso de quem se poderia fugir, nem lei, nem deidade. Apenas há um momento de arrependimento e talvez um desejo de fugir da realidade agora imposta, surgindo no texto o segundo estágio do luto, a fuga.

E ainda o eu lírico diz que “De repente as coisas mudam de lugar E quem perdeu pode ganhar, Minha amiga, minha namorada, quando é que eu posso te encontrar”. A barganha surge nesta estrofe, quando o eu lírico tenta criar expectativas e trocar de papel, chamando a pessoa amada de “Minha amiga, minha namorada”, numa possibilidade de um dia (quando) puder encontra-la novamente, questionando e dando este reencontro como certo.

Kubler-Ross, diz sobre a barganha no processo de luto

A barganha na realidade, é uma tentativa de adiamento; tem de incluir um prêmio oferecido “por um bom comportamento”, estabelece também uma “meta” autoimposta e inclui uma promessa implícita de que o paciente (ouvinte) não pedirá outro adiamento, caso o primeiro não seja concedido. (KUBLER-ROSS. 1987, p 97).

Porém no início da canção, originalmente esta estrofe é “De repente as coisas mudam de lugar e quem perdeu pode ganhar, teu silêncio preso na minha garganta E o medo da verdade” pode ser o eu lírico se permitindo dizer que perdeu e que isso pode ser revertido, diz que pode ganhar, diz que o silêncio dela preso na garganta dele, porque ela já não pode se expressar e ele não pode mais falar nada, porque ela já não pode ouvir, tem medo da verdade, a perda eterna e definitiva da pessoa amada.

Sobre o desejo Boff, lembra que

Talvez o desejo seja nossa experiência mais imediata e, ao mesmo tempo, mais profunda, (...) Nossa estrutura de base é o desejo. E faz parte da estrutura do desejo não ter limites. (...) Não queremos só viver muito, queremos viver sempre. Desejamos a imortalidade. (...), mas o nosso desejo (...) sempre quer viver mais, quer prolongar o tempo, quer transcender a morte. (BOFF.2000, p.60)

“Eu sei que eu, ah, eu queria estar contigo, mas sei que não, não, não, não, não. Não é permitido. Talvez se nós tivéssemos fugido”. Nestes versos de Paulo Ricardo fica claro o desejo, na interjeição, que não está na primeira vez que a mesma estrofe aparece no texto, “Ah”. Este “ah” cantado por Paulo diz da intensidade do desejo de alguém que “queria estar contigo” e a repetição da negação do “não, não, não, não” também diferentemente da primeira vez que a estrofe é colocada, a negação é muito mais explícita. Essa estrofe ilustra o desejo discutido por Boff em suas obras. E traz a quem ouve o

desejo de estar com um ente querido que já não está e também na não permissão de acesso à pessoa enlutada a presença da pessoa amada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Renato diz: “Ninguém sabe o que aconteceu. Hum, ela se jogou da janela do quinto andar. Nada é fácil de entender. Dorme agora”. E Paulo Ricardo diz: “Essa voz que chega devagar. Pra perturbar e pra enlouquecer. Dizendo pra eu pular de olhos fechados. Essa voz que chega a debochar do meu pavor. Mas ao pular, eu me vejo ganhar asas e voar.” Os autores não descrevem a mesma cena? Enquanto em Renato a decisão já foi tomada. Ela já “se jogou”, Paulo Ricardo diz de uma voz que insiste “dizendo pra eu pular”. A personagem na voz de Renato deu ouvidos a voz, enquanto a personagem na voz de Paulo Ricardo diz que: “Mas ao pular, eu me vejo ganhar asas e voar, diz também que “as coisas mudam de lugar” percebe-se que o personagem pulou. Enquanto Renato descreve no resto da canção, aquilo que pode ser memórias da personagem ao cair, questões a que ela se colocou ou os momentos bonitos em família, Paulo Ricardo fala da voz que vem para “perturbar, para enlouquecer, (...)debochar”, percebe-se uma voz insistente que se utiliza de formas variadas para conseguir o que deseja. As duas letras falam de suicídio, essa forma de morrer para se livrar do que o impede de viver.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. Tempo de transcendência. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

FOUCAULT, M. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KÜBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SILVA, J. P. Da morte e do morrer: a escrita de si por alunos da rede estadual paulista. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba, 2011.

TAGORE, R. A ladra do sono. In: CASASANTA, L. (org.). As mais belas histórias: leitura intermediária. Belo Horizonte: Editora do Brasil em Minas Gerais, 1955. p. 37-38.

WITTGENSTEIN, L. Cultura e valor. Tradução de Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2000.

WITTGENSTEIN, L. Observações sobre o Ramo de Ouro de Frazer. Tradução e notas de João José R. L. Almeida. AdVerbum, v. 2, n. 2, p. 186-231, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbium/revistaadverbium.html>. Acesso em: 6 mai. 2025.

WITTGENSTEIN, L. Philosophische Untersuchungen/Investigações filosóficas. Tradução de João José R. L. Almeida. Edição bilingue alemão-português. [S.l.]: Wittgenstein.Translations, [s.d.]. Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/InvestigacoesFilosoficas-Original.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2025.

WITTGENSTEIN, L. Tractatus logico-philosophicus. Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. Introdução de Bertrand Russell. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

WITTGENSTEIN, L. Anotações sobre as cores/Bemerkungen über die Farben. Tradução, apresentação e notas de João Carlos Pires da Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.